

A relação família e escola na educação infantil

Blenda Luize Chor Rodrigues 

University of North Carolina at Greensboro, Carolina do Norte, Estados Unidos da América

Maria Comes Muanis 

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo

O artigo analisa como a literatura na área de educação no Brasil vem abordando as relações entre família e escola na Educação Infantil. Realizou-se uma revisão no Portal de Periódicos da CAPES e no banco de dados do SciELO. A partir das palavras-chave e dos critérios de inclusão e exclusão utilizados, obteve-se um conjunto de 22 artigos. A análise revelou que as divergências entre as concepções de professores e responsáveis sobre o compartilhamento da educação de crianças pequenas entre a escola e a família são o principal tema apresentado nas publicações. Conclui-se que há uma lacuna nas investigações brasileiras que abordam a relação família e escola de Educação Infantil sob a ótica das desigualdades sociais.

Palavras-chave: Família; Educação Infantil; Desigualdades.

Abstract

Family and school relationships in early childhood education

This article analyzes how the literature of Education Studies in Brazil has been approaching the relations between family and school in the period of the kindergarten level. We performed a literature review using the CAPES Journal Portal and the SciELO database. A set of twenty-two articles has been selected. The analysis revealed that the main theme evoked by these publications is the disagreements between teachers' and parents' conceptions about the sharing of children's education responsibilities between the school and the family. We conclude that there is a gap in Brazilian education studies linked to the relationship between family and preschool from the perspective of social inequalities.

Keywords: Family; Early Childhood Education; Inequalities.

Resumen

La relación familia y escuela en la educación infantil

Este artículo analiza cómo la literatura de estudios de educación en Brasil se ha acercado a las relaciones entre la familia y la escuela en la educación infantil. Realizamos una revisión de la literatura utilizando el portal CAPES y la base de datos SciELO. Se ha seleccionado un conjunto de veintidós artículos. El análisis reveló que el tema principal evocado por estas publicaciones son los desacuerdos entre las concepciones de los maestros y las familias sobre el reparto de las responsabilidades educativas de los niños entre la escuela y la familia. Concluimos que existe una brecha en los estudios de educación brasileños acerca de la relación entre la familia y las escuelas de educación infantil desde la perspectiva de las desigualdades sociales.

Palabras clave: Familia; Educación Infantil; Desigualdades.

Introdução

A relação família e escola é um dos objetos de análise caro ao debate sobre desigualdades de oportunidades no campo da Sociologia da Educação. Após os grandes *surveys* das décadas de 1960 (o Relatório Coleman, nos EUA; o relatório Plowden, na Inglaterra, e a pesquisa do INED, na França), cujos resultados apontaram a relação entre o nível socioeconômico familiar, o desempenho acadêmico e a trajetória escolar dos alunos, um longo período de pessimismo instaurou-se no campo educacional (BROOKE, SOARES, 2008). Na década seguinte, Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1982), expoentes da vertente reprodutivista, interpretaram os dados fornecidos por estas pesquisas em larga escala e atribuíram à herança cultural familiar a chave da explicação para a reprodução social. No entanto, nas investigações destes autores “o funcionamento interno das famílias ainda permanecia como uma caixa preta intocada” (NOGUEIRA, 2005, p. 567).

A partir dos anos 1980, as pesquisas etnográficas ganharam importância ao abordar a relação entre estratificação social e o desempenho acadêmico sob a perspectiva microssociológica. Estudos passam a se dedicar à análise das estratégias familiares nos processos de escolha, acesso e permanência nos sistemas de ensino, bem como dos processos e mecanismos de criação dos filhos que acabam por se traduzir em vantagens escolares (LAHIRE, 1997; LAREAU, 2003).

No Brasil, os estudos sobre família passaram a se destacar na Sociologia da Educação a partir da década de 1990. Os trabalhos elaborados neste período direcionam-se, principalmente, às análises dos processos de escolha dos estabelecimentos de ensino (ROSISTOLATO, PRADO, 2013), à longevidade escolar de estudantes de camadas populares e à atuação de suas famílias sobre suas trajetórias (ZAGO, 2007) e ao prestígio escolar entre camadas populares (COSTA, 2008). Estas produções, no entanto, vêm sendo realizadas nos níveis do Ensino Fundamental, Médio e Superior. Os resultados destas pesquisas apontam um cenário semelhante ao internacional no qual a estratificação social, o desempenho e a trajetória acadêmica mantêm relação com as formas de atuação e os mecanismos acionados pelas famílias em relação à escolarização dos filhos.

O segmento da Educação Infantil (EI), apesar do crescimento das taxas de escolarização¹ registrado nos dados mais recentes do país, ainda está pouco presente no

¹ Taxa de escolarização, de acordo com o IBGE, é a percentagem dos estudantes (de um grupo etário) em relação ao total de pessoas (do mesmo grupo etário).

debate sobre as associações entre o pertencimento social das famílias, suas dinâmicas internas e a escola. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017), 91,4% das crianças de cinco anos de idade frequentam a pré-escola, percentual que era inferior a 60% em 1997. Dentre as crianças de quatro anos, a frequência calculada no mesmo ano, de apenas 40%, chega hoje a 77,3%.

Devido à recente obrigatoriedade da escolarização nesta fase e à constatação de que as relações entre família e escola são fundamentais para analisar a correspondência entre a estratificação social e as desigualdades educacionais, torna-se premente conhecer estas relações que são, paulatinamente, estabelecidas cada vez mais cedo, assim como as “congruências e descompassos destas duas instâncias de socialização” (CHAMBOREDON, PREVOT, 1973).

Segundo as revisões da literatura sobre o tema já publicadas no Brasil, as produções sobre a relação família e escola de EI se reduzem às percepções dos docentes deste segmento (TANCREDI, REALI, 2001; PINHEIRO, 1997) e não priorizam fatores socioculturais, tais como: cor, classe social, etnia e gênero (ROCHA, 1998). Tendo em vista que estes apontamentos são do final da década de 1990, o objetivo deste estudo foi realizar uma nova revisão para responder como a literatura da área de educação no Brasil vem abordando as relações entre família e escola no período da Educação Infantil.

Com respaldo nos estudos da Sociologia da Educação sobre família e escola, buscou-se verificar se nas publicações encontradas: (1) o ambiente familiar e as interações de pais e filhos são objetos de investigação; (2) o debate sobre desigualdades de oportunidades tem sido tratado no âmbito da EI.

Debate teórico

Apesar do crescimento das taxas de escolarização na EI registrado no Brasil nos últimos anos, o segmento ainda permanece afastado do debate nas áreas de sociologia e antropologia da educação. As desigualdades sociais são mencionadas apenas em associação à dificuldade de acesso a creches, principalmente pelos mais pobres (KRAMER, 2006). Os estudos sobre a relação família e escolas de EI se reduzem à análise das percepções dos docentes deste segmento, que classificam as famílias dos alunos como “desestruturadas” e as acusam de usar as escolas de EI

como uma maneira de “se livrar dos filhos” ou “para poder trabalhar” (TANCREDI, REALI 2001; PINHEIRO, 1997).

Apesar de criticarem esta perspectiva docente, tais estudos tratam as famílias de forma generalista e não problematizam tensões sobre estratificação social envolvidas na relação com a escola. São escassas as pesquisas que recolhem dados empíricos sobre essa relação, seja no âmbito escolar ou familiar, ainda na primeira infância, buscando averiguar as possíveis correlações entre o pertencimento social das famílias, suas dinâmicas internas, formas de atuação e a escola.

O encontro de famílias de diferentes estratos sociais com a escola e seu modelo cultural de infância traz à tona cada vez mais cedo as relações de desigualdade, explícitas nas divergências entre as concepções sobre a infância, sobre o papel da EI, e nas diferentes formas de criação dos filhos entre as camadas sociais (CHAMBOREDON, PREVOT, 1973). A bibliografia brasileira sobre as crianças pequenas, entretanto, não tem se aproximado deste debate. Rosemberg (2006) apontou que as pesquisas estavam mais direcionadas aos temas de mortalidade infantil e desnutrição do que às condições sociais deste grupo etário.

No cenário internacional, é possível distinguir ao menos duas grandes linhas de estudos sobre desigualdades no período da educação infantil: a inglesa/norte-americana e a francesa. A primeira foca em investigações sobre a qualidade e os efeitos da EI dentro do debate sobre desigualdades de oportunidades. Estas pesquisas estudam o impacto da EI no desenvolvimento das crianças e o posterior desempenho acadêmico. Na Inglaterra, por exemplo, o *Effective Provision of Pre-school Education* (EPPE) seguiu aproximadamente três mil crianças dos três aos 16 anos de idade com o objetivo investigar o impacto dos fatores relacionados à pré-escola, à família e à aprendizagem em casa no desenvolvimento cognitivo e sociocomportamental das crianças. A análise das trajetórias de desenvolvimento das crianças focou principalmente as características do ambiente familiar com o objetivo de medir os processos internos das famílias que podem apoiar, em maior ou menor intensidade, a aprendizagem das crianças (TAGGART et al., 2011). O estudo concluiu que as vivências e atividades entre os responsáveis e as crianças podem melhor explicar as diferenças entre os desempenhos das crianças, assim como as possíveis desigualdades subsequentes nas suas trajetórias escolares, em comparação à origem social de suas famílias.

A recente literatura francesa investiga, por sua vez, as práticas socializadoras dos pais sob a perspectiva da sociologia da infância (PLAISANCE, 2004; MONTANDON, LONGCHAMP, 2003; SIROTA, 2001; JOIGNEAUX, 2013). Esta vertente teórico-metodológica considera as crianças como atores de sua própria socialização na medida em que negociam, compartilham e criam culturas com os adultos e seus pares. Nesse sentido, os processos de socialização aos quais as crianças estão submetidas em casa são estudados com o objetivo de entender os descompassos entre estes e a socialização escolar. Assim, analisam elementos dos estilos parentais, como sanções, modos de comunicação e relação com o tempo e espaço da escola (THIN, 2006), como a autoridade parental (MONTANDON, LONGCHAMP, 2003), a linguagem (JOIGNEAUX, 2013) ou mesmo dos rituais relacionados à infância, como o aniversário (SIROTA, 2001). Estas investigações, majoritariamente realizadas sob a perspectiva antropológica, esmiúçam o “banho socializador” (LAHIRE, 2011) das experiências vividas na família pelas crianças, tais como as competições entre os irmãos ou as relações de dominação entre pais e filhos.

Frente a este debate internacional, urge conhecer como as desigualdades sociais na primeira infância vêm sendo abordadas no Brasil, especialmente sob o prisma da relação família-escola, tão caro à sociologia da educação. O presente trabalho visa apresentar um panorama, ainda que com limites, acerca dos achados das pesquisas brasileiras que vêm sendo realizadas sobre a relação família e escola de Educação Infantil por meio de uma revisão da literatura.

Metodologia

A presente revisão de literatura realizou um levantamento sobre a produção acadêmica brasileira no campo da relação família e escola na educação infantil. Duas bases de dados foram escolhidas, o Portal de Periódicos da CAPES e o *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). As duas são plataformas multidisciplinares e têm acesso gratuito. Ambas permitem a realização de um retrato dos principais temas e metodologias presentes no debate nacional sobre a relação família-escola na educação infantil. Há certamente limitações nesta opção, posto que nem todas as revistas da área de educação encontram-se nessas bases. Por isso, é importante antecipar a parcialidade das conclusões aqui obtidas, que se apresentam como hipóteses plausíveis para uma reflexão sobre o estado da arte dessa discussão no Brasil.

A busca nas bases de dados utilizou as seis seguintes palavras-chave²: (1) família e “primeira infância” e “educação infantil” e desigualdade; (2) família e “primeira infância” e desigualdade; (3) família e “educação infantil” e desigualdade; (4) família e “educação infantil”; (5) família e “primeira infância”; (6) família e escola e “primeira infância”; (7) família e “criança pequena”. Nenhum recorte temporal foi utilizado.

As pesquisas incluídas atenderam dois critérios: (1) apenas artigos; (2) estudos sobre a relação família e escola na educação infantil. Foram excluídas publicações estrangeiras, pertinentes a outra faixa etária ou nível educacional ou aquelas fora da área de educação. Entende-se por “área de educação” todas as publicações em periódicos da área de educação de acordo com a avaliação da Qualis CAPES³ do quadriênio 2013-2016, e por “publicações e pesquisas estrangeiras” toda a produção científica que não tenha sido produzida e publicada no Brasil. Ao final do processo de seleção e exclusão, restaram 22 artigos para análise.

Metade dos artigos selecionados neste trabalho estão em periódicos de “excelência”⁴ (A), sendo nove deles classificados como A1. Há sete publicações em periódicos de “maior qualidade” (B1) e dois de qualidade B3. Apenas um artigo está publicado em um periódico cuja classificação Qualis CAPES considera como C. Pode-se afirmar, portanto, que as pesquisas que têm se dedicado à relação família e escola na Educação Infantil, no Brasil, estão entre os periódicos considerados de elevada qualidade acadêmica.

Treze estudos foram publicados nos últimos cinco anos e 18 foram publicados ao longo da última década. Isto indica que as publicações dedicadas ao tema da relação família-escola na Educação Infantil são recentes na área de educação no Brasil.

Apresentação dos resultados

As 22 publicações selecionadas foram analisadas de acordo com: os objetivos, a fundamentação teórica, a metodologia e os principais resultados encontrados. Os artigos foram organizados em dois grupos, os teóricos (dois) e os empíricos (20).

² As palavras-chave foram elaboradas de acordo com os operadores booleanos.

³ A lista de periódicos da área de educação e suas classificações Qualis CAPES pode ser acessada em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>. Acesso em: 13/05/2018.

⁴ Esta nomenclatura é utilizada pela avaliação do Qualis CAPES.

Os estudos considerados “empíricos” são pesquisas realizadas com famílias e escolas de Educação Infantil que produziram dados e os analisaram a fim de discuti-los sob um determinado ponto de vista teórico-metodológico. Neste artigo serão discutidas apenas as publicações consideradas empíricas⁵.

No grupo dos artigos empíricos, verificou-se uma diferenciação de acordo com o ponto de partida das pesquisas apresentadas. Dessa forma, o conjunto dos estudos empíricos foi subdividido entre: (1) “da família à escola”, contendo aqueles que partem da família para pensar a relação com a escola de Educação Infantil; (2) “da escola à família”, contendo aqueles que, na contramão, analisam como a escola de Educação Infantil busca estratégias para se relacionar com a família.

No grupo “da família à escola”, foram identificadas cinco temáticas: (1) o ingresso na creche, discutido por Martins et al. (2014), com o objetivo de entender a não adaptação dos bebês na creche a partir dos relatos dos pais sobre o temperamento do bebê, as relações entre pais e bebês, os sentimentos de separação e as crenças e práticas ligadas aos cuidados alternativos, incluindo a creche; (2) a concepção de infância, abordada pela pesquisa de Moro e Gomide (2003), que buscou conhecer as concepções de 30 mães sobre a infância, com o objetivo de verificar a hipótese de que a escola de Educação Infantil interfere nas concepções da família sobre a infância⁶; (3) a concepção de Educação Infantil, tema trazido por Casanova e Ferreira (2017), que entrevistou 11 famílias, cujos filhos, entre zero e três anos de idade, frequentavam as turmas de Berçário I e II de um Centro Educação Infantil (CEI) para compreender o sentido por elas atribuído às atividades realizadas por suas crianças na creche; (4) o papel da creche na vida familiar – e especialmente na vida das mulheres que são mães – temática da pesquisa de Fernandes et al. (2017), que analisa o perfil socioeconômico de mães de crianças de zero a três anos e estabelece comparações entre aquelas cujos filhos estão matriculados em instituições de educação infantil e aquelas que não contam com esse serviço; (5) o ambiente familiar, estudado por Ferreira e Barrera (2010) a partir de uma investigação acerca das relações entre determinados elementos do ambiente familiar e o desempenho na pré-escola.

⁵ Os resultados sobre os artigos teóricos podem ser encontrados em uma das autoras (2018).

⁶ Para verificar tal hipótese, metade das mães entrevistadas não eram usuária deste serviço.

Já no grupo “da escola à família”, as pesquisas buscam entender a maneira de funcionamento das reuniões de pais, os desafios do compartilhamento do cuidado de crianças pequenas, a previsão da participação familiar no projeto pedagógico, as concepções sobre família ensinadas para as crianças e, até mesmo, o papel da formação de professores na eficácia da participação dos pais nas escolas de Educação Infantil. No sentido de expandir o escopo de análise, alguns estudos deste grupo buscam as famílias para compreender as percepções dos responsáveis sobre as escolas de EI. Os temas identificados neste grupo foram: (1) a formação de professores, investigado pelo estudo aplicado de Bahia e Mociutti (2017), cujos objetivos foram refletir sobre a maneira pela qual a relação creche-família ocorre em uma unidade de educação infantil e analisar em que medida a pesquisa-formação contribui para a construção de práticas institucionais e docentes que favoreçam tal relação; (2) o ensino sobre família, tema trazido por três artigos (MARCOS, 2014; 2015; FERNANDES, 2006) que se dedicaram a analisar como as concepções de “família” e de “mãe” são ensinadas para as crianças na Educação Infantil; (3) o compartilhamento da educação e do cuidado, tema abordado por três artigos (MONÇÃO, 2015; MARRANHÃO, SARTI, 2007; OLIVEIRA, 2015) que tratam das tensões resultantes do compartilhamento do cuidado e da educação de crianças pequenas entre a família e a escola; (4) o envolvimento dos pais na educação infantil, tema que reúne o maior número de artigos deste recorte (sete) e trata das diversas estratégias elaboradas pelas escolas de Educação Infantil direcionadas ao envolvimento dos responsáveis.

Cinco das sete publicações buscam entender a participação da família na Educação Infantil, definindo suas características e compreendendo a importância desta relação para o desenvolvimento da criança (ANASTÁCIO, PASUCH, 2011; NÉIA, CUNHA, 2013; LIMA, SILVA, 2015; COSTA, 2015; BHERING, DE NEZ, 2002). As outras duas analisam aspectos específicos deste envolvimento: o projeto político pedagógico e a reunião de pais. No que diz respeito ao projeto político pedagógico das instituições de Educação Infantil, Saisi (2010) investiga como estas consideram as informações oferecidas pelas famílias sobre as crianças para planejar os seus projetos educacionais e incorporá-las nas suas rotinas pedagógicas. Garcia e Macedo (2011) explora as relações entre família e escola de EI por meio da análise das reuniões de pais de acordo com a estrutura da pauta, o encaminhamento e o conteúdo da reunião, e a abordagem estabelecida para envolver os pais neste momento. O Quadro 1 sintetiza a classificação dos artigos.

Quadro 1 – Classificação dos artigos

Categorias	Grupos	Temas	Autores e ano dos artigos
Teóricos	-	-	Alves (2016) Ferreira e Triches (2009)
Empíricos	Da família à escola	O ingresso na creche	Martins et al. (2014)
		A concepção de infância	Moro e Gomide (2003)
		A concepção de Educação Infantil	Casanova e Ferreira (2017)
		O papel da creche na vida familiar	Fernandes et al. (2017)
		O ambiente familiar	Ferreira e Barrera (2010)
	Da escola à família	A formação de professores	Bahia e Mociutti (2017)
		O ensino sobre família	Marcos (2014)
			Marcos (2015)
			Fernandes (2006)
		O compartilhamento da educação e do cuidado	Monção (2015) Maranhão e Sarti (2007) Oliveira (2015)
O envolvimento dos pais na Educação Infantil	Anastácio e Pasuch (2011) Néia e Cunha (2013) Lima e Silva (2015) Costa (2015) Bhering e De Nez (2002) Saisi (2010) Garcia e Macedo (2011)		

Fonte: Elaboração própria.

Discussão

Do conjunto de publicações selecionadas, destacam-se três discussões principais: (1) as divergências de concepções sobre o compartilhamento da educação e do cuidado de crianças pequenas entre a escola e a família; (2) as estratégias das escolas de EI para envolver os pais; (3) as especificidades deste atendimento no que tange a participação das famílias.

As divergências sobre o compartilhamento da educação e do cuidado das crianças assumem notável espaço nas pesquisas sobre a relação família e escola de EI no Brasil. Algumas investigações demonstram que os responsáveis acentuam o caráter formativo da EI pois decidem matricular seus filhos com o desejo de que iniciem a

convivência social com outras crianças, aprendam a reconhecer letras e escrever seus nomes. Estas famílias destacam a autonomia conquistada pelas crianças para realizar a sua higiene e alimentação, bem como avanços na fala. Além disso, não apontam problemas de compartilhar a educação e o cuidado de seus filhos com as escolas de educação infantil e, frequentemente, elogiam a qualidade do serviço prestado (MONÇÃO, 2015; BAHIA, MOCIUTTI, 2017). Em outros estudos, as famílias aparecem pouco interessadas no aspecto pedagógico proporcionado pela creche e entendem que esta instituição é um lugar de segurança para seus filhos, no qual necessidades básicas são atendidas. Por isso, tomam uma postura passiva e delegam as responsabilidades pedagógicas inteiramente à escola (BHERING, DE NEZ, 2002).

A postura dos professores revelada pelas pesquisas indica que estes apresentam mais dificuldades em compartilhar a educação e o cuidado das crianças do que suas famílias. Em suas afirmações, entendem que as famílias transferem as suas responsabilidades para os professores, não têm interesse na vida escolar de seus filhos e não têm a “capacidade” de compreender os processos pedagógicos das escolas de EI (CASANOVA, FERREIRA, 2017; OLIVEIRA, 2015; BAHIA, MOCIUTTI, 2017; SAISI, 2010). Monção (2015) identificou que docentes entendem EI como substituição da família, principalmente no caso de mães trabalhadoras. Isto evidencia que o caráter assistencialista conferido a esta etapa da escolarização, muitas vezes negativo, surge também dos profissionais deste segmento.

Esta percepção acerca das instituições de EI está relacionada às origens históricas do atendimento institucional de crianças na primeira infância. Nas constituições anteriores à de 1988, o papel do Estado em relação à primeira infância circunscreve-se ao amparo e à assistência, exclusivamente quando a família não pudesse exercer esta função (CURY, 2002). A Constituição Cidadã (BRASIL, 1988) e a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996), contudo, garantiram à criança o direito a uma educação própria para esta idade, a Educação Infantil, e afirmaram uma mudança de concepção sobre a educação e o cuidado de crianças pequenas. Estas transformações são reafirmadas nos documentos curriculares do segmento, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2009) e a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil (BRASIL, 2017).

As percepções dos docentes apresentadas pelas investigações revelam a permanência de uma concepção assistencialista no âmbito da prática institucional, que não evidencia o aspecto pedagógico (TANCREDI, REALI, 2001; PINHEIRO,

1997). O assunto da higiene é apontado como o principal conflito entre família e escola, no qual os responsáveis são julgados moralmente pelas professoras (MARANHÃO, SARTI, 2007).

A segunda dimensão mais explorada nos artigos trata das estratégias utilizadas pelas escolas para envolver as famílias com as instituições e a educação de seus filhos. As principais delas são: as reuniões de responsáveis, as datas comemorativas, os bilhetes na agenda e os encontros diários entre pais e professores. O comparecimento às reuniões é entendido pelos docentes e gestores como o elemento central da participação da família na escola (NÉIA, CUNHA, 2013; LIMA, SILVA, 2015; ANASTÁCIO, PASUCH, 2011; COSTA, 2015). Os encontros são realizados ora para apresentar o trabalho educativo das instituições com as crianças, ora para formar pedagogicamente os pais (GARCIA, MACEDO, 2011; ALVES, 2016). Enquanto os responsáveis relatam ter dificuldades em comparecer à escola⁷, as professoras reclamam de sua ausência nas reuniões e a isto atribuem a justificativa de que não valorizam a educação de seus filhos (SAISI, 2010).

Estas estratégias de envolvimento, conforme retratam as publicações, não se modificaram desde o início do século. O artigo mais antigo da amostra apontou que as reuniões de pais, as datas comemorativas, os bilhetes e comunicados já eram, à época, a forma tradicional do envolvimento parental nas creches e pré-escolas brasileiras (BHERING, DE NEZ, 2002). As autoras afirmam que estas estratégias mantêm uma relação de distância com os pais e não são suficientes para estabelecer um contato frequente que possibilite um envolvimento produtivo para as crianças, os professores e os responsáveis.

A quantidade de artigos sobre estes dois assuntos – as divergências conceituais entre docentes e responsáveis e as estratégias das escolas de EI para envolver as famílias – é significativamente maior do que aqueles cujo tema são as especificidades do atendimento na EI que envolvem as famílias. Dentre estes, pôde-se identificar duas características do atendimento à primeira infância inevitavelmente relacionadas à família: a adaptação ao novo ambiente e a relação de confiança entre os responsáveis e a escola.

⁷ Néia e Cunha (2013) e Lima e Silva (2015) discutem sobre estas dificuldades no contexto rural, cujas dificuldades são a distância geográfica entre a moradia das famílias e as escolas, bem como a falta de transporte.

A adaptação das crianças quando ingressam na EI é entendida como um período no qual a instituição deve prover acolhimento às famílias, principalmente mães e crianças na experiência de separação. Martins et al. (2014) ressaltam que as famílias precisam saber mais sobre as reações comuns deste processo, pois existem indicadores que demonstram qualidade de adaptação à creche, como o choro, o sono e a alimentação. Monção (2015) também menciona a necessidade de aprofundamento investigativo neste tema. O sucesso no processo de adaptação e o estabelecimento de uma relação de confiança entre as famílias e a escola de EI estão também relacionados à matrícula e à permanência das crianças nestas instituições (MARTINS et al., 2014; SILVA, 2014). Certamente há mais especificidades que envolvem a educação e o cuidado de crianças e as famílias, seja na creche ou na pré-escola. Entretanto, a análise dos artigos mostra que outras perspectivas têm sido ofuscadas pelas relações conflituosas entre os pais e as escolas de EI, justificadas ora pela má comunicação entre ambos, ora pelas concepções dissonantes.

A definição de “família” não é um problema posto pelas publicações selecionadas, debate que parece crucial para abordar as questões investigadas. Os embates sobre o papel da família e das docentes na EI são apenas tangenciados por Alves (2016), uma publicação no conjunto teórico, ao apontar a polissemia do termo “participação” em documentos oficiais sobre gestão democrática e o envolvimento dos responsáveis na EI. Além disso, das investigações selecionadas, apenas uma foi realizada com famílias de classe média alta (ANASTÁCIO, PASUCH, 2011). Pesquisas que incluam esta camada social são relevantes para entender relações de desigualdades escolares pois a classe média tem um papel importante na reprodução das iniquidades sociais (NOGUEIRA, 2010). Segundo Ferreira e Triches (2009), as famílias de classes médias e altas percebem melhor os benefícios do envolvimento parental e deles tiram mais proveito, tendo em vista a proximidade que têm da cultura escolar.

Outra inconsistência está presente nos desenhos metodológicos dos estudos de natureza empírica, pois: (1) não justificam a escolha de suas amostras⁸; (2) não ponderam os seus resultados e análises de acordo com a metodologia escolhida; (3) mesmo que tenham uma amostra pequena, ou sejam estudos de caso, não comparam os seus resultados com os de outras pesquisas, situando em que medida o estudo pode responder as perguntas postas pelo campo; (4) não apontam as limitações do estudo.

⁸ Apenas cinco estudos apresentaram justificativas para suas amostras (SILVA, 2014; LIMA, SILVA, 2015; MARCOS, 2014; 2015; BHERING, DE NEZ, 2002).

Há poucos estudos longitudinais e que utilizam diversas estratégias de coletas de dados. A pesquisa de Maranhão e Sarti (2007) foi a única⁹ cujo trabalho de campo durou um ano e três meses e utilizou três técnicas de coleta de dados: observação participante, análise dos documentos da instituição e entrevistas semiestruturadas. Foi de Monção (2015) o único estudo que entrevistou professores, famílias, coordenadores, diretora, supervisora, agentes técnicos de educação, auxiliar de limpeza e de cozinha.

Neste panorama, os objetivos da Educação Infantil, como o desenvolvimento integral das crianças pequenas, o que elas aprendem e como as famílias se inserem neste cenário são temas que não têm recebido atenção. Apenas uma pesquisa teve o objetivo explorar como as posturas dos pais em relação à criação de seus filhos e os objetos do ambiente domiciliar se relacionam ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças (FERREIRA, BARRERA, 2010). A presença de brinquedos, livros, jornais e revistas, assim como a reunião de pais e filhos nos momentos de refeição, por exemplo, demonstraram-se associados ao que as crianças sabem sobre leitura e escrita¹⁰. De acordo com os resultados da pesquisa, os recursos do ambiente familiar e as atividades dos pais com seus filhos se associam mais fortemente ao desempenho das crianças do que outras medidas, como o nível socioeconômico ou de escolaridade dos responsáveis.

Considerações finais

O presente estudo buscou mapear como a literatura na área de educação no Brasil vem abordando as relações entre família e escola no período da educação infantil. A análise das publicações selecionadas revelou que as concepções divergentes entre os educadores das instituições de EI e os responsáveis, assim como as estratégias utilizadas pelas escolas para envolvê-los são os principais focos investigados nas pesquisas. Há também estudos dedicados a estudar o envolvimento familiar nos aspectos que parecem ser próprios do atendimento na EI, como o período de adaptação. Porém, estas questões são abordadas por um número menor de artigos, indicando a necessi-

⁹ Martins et al. (2014) realizaram um estudo de caso coletivo com os dados do Estudo Longitudinal de Porto Alegre: Da Gestação à Escola – ELPA.

¹⁰ A coleta de dados sobre o ambiente familiar foi realizada a partir de um questionário sobre a constituição familiar e as condições socioeconômicas e educacionais da família e o Inventário de Recursos do Ambiente Familiar – RAF (MARTURANO, 2006). As habilidades de escrita dos pré-escolares foram obtidas a partir de uma atividade de autoditado e da escrita do próprio nome.

dade de aprofundamento no tema. Conclui-se que a relação entre as famílias e escolas de EI vem sendo majoritariamente investigada, no contexto brasileiro, pelo prisma do envolvimento dos pais nas instituições, que se apresenta reduzido à comunicação, muitas vezes problemática, entre estas duas instâncias.

No cenário internacional, as pesquisas têm apontado, por um lado, elementos das experiências proporcionadas pelo ambiente familiar caros ao desenvolvimento infantil e ao debate sobre desigualdades de oportunidades já na pré-escola (MELHUIISH et al., 2008; ROWE et al., 2012) e, por outro, as discrepâncias provenientes das diferentes formas de socialização das crianças associadas à estratificação social na primeira infância (JOIGNEAUX, 2013; THIN, 2006). Este trabalho mostra que no Brasil as investigações sobre a relação entre família e escola nesta etapa se distanciam deste objeto de análise e discussão.

Nos estudos brasileiros estão ausentes as análises sobre os processos e as interações familiares e sobre a relação entre famílias e escolas na EI que podem se vincular às desigualdades sociais e desigualdades educacionais. Esta lacuna fragiliza a possibilidade de reflexões sobre como as desigualdades sociais se refletem no dia a dia de cada criança e como estas podem se transformar em desigualdades escolares. Contribuições neste sentido são urgentes pois compreender a desigualdade na primeira infância fornece subsídios importantes para se pensar políticas públicas voltadas às crianças em seus primeiros anos de vida e escolarização.

Referências

- ALVES, L. N. N. Educação da infância: o lugar da participação da família na instituição educativa. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, v. 32, n. 1, p. 267-85, jun. 2016. <https://doi.org/10.21573/vol32n012016.60181>
- ANASTÁCIO, A. H. K. A.; PASUCH, J. Família e escola: uma participação interativa no contexto da educação infantil. *Revista Eventos Pedagógicos*, Sinop, v. 2, n. 1, p. 42-9, fev./jul. 2011.
- BAHIA, C. C.; MOCIUTTI, S. A construção da relação creche-família no berçário: contribuição da pesquisa-formação. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 12, n. 1, p. 371-86, jan./mar. 2017. <https://doi.org/10.21723/riaee.v12.n1.8646>
- BHERING, E.; DE NEZ, T. B. Envolvimento de pais em creche: possibilidades e dificuldades de parceria. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 18, n. 1, p. 63-73, jan./abr. 2002. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000100008>

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1982.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, 23 de dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular (BNCC): educação é a base*. Brasília, DF, 2017.

_____. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília, DF, 2009.

BROOKE, N.; SOARES, J. F. (Orgs.). *Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias*. Belo Horizonte, MG: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

CASANOVA, L. V.; FERREIRA, V. S. Creche: lugar para ficar ou para aprender? As famílias respondem. *Educação: Teoria e Prática*, Rio Claro, v. 27, n. 54, p. 95-112, abr. 2017. <https://doi.org/10.18675/1981-8106.vol27.n54.p95-112>

CHAMBOREDON, J.; PREVOT, J. Le “métier d’enfant”: définition sociale de la prime enfance et fonctions différentielles de l’école maternelle. *Revue Française de Sociologie*, Paris, v. 7, n. 3, p. 295-335, jul./set. 1973. <https://doi.org/10.2307/3320469>

COSTA, A. S. A interação entre escola e família: desenvolvimento das crianças na educação infantil. *Revista Eventos Pedagógicos*, Sinop, v. 6, n. 4, p. 262-73, nov./dez. 2015.

COSTA, M. Prestígio e hierarquia escolar: estudo de caso sobre diferenças entre escolas em uma rede municipal. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, p. 455-69, set./dez. 2008. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782008000300004>

CURY, C. R. J. Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p. 245-62, jul. 2002. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000200010>

FERNANDES, P. L. Quem aprende na educação infantil? A escola ensinando a ser boa mãe. *Educação: Revista do Centro de Educação*, Santa Maria, v. 31, n. 1, p. 53-66, jan./jun. 2006. <https://doi.org/10.5902/19846444>

FERNANDES, S. F.; GIMENES, N.; DOMINGUES, R. J. Mulheres e filhos menores de três anos: condições de vida. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 47, n. 163, p. 320-41, jan./mar. 2017. <https://doi.org/10.1590/198053144175>

FERREIRA, S. H. A.; BARRERA, S. D. Ambiente familiar e aprendizagem escolar em alunos da educação infantil. *Psico*, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 462-72, out./dez. 2010.

FERREIRA, S. L. G.; TRICHES, M. A. O envolvimento parental nas instituições de educação infantil. *Revista Pedagógica*, Chapecó, v. 11, n. 22, p. 39-55, jan./jun. 2009.

GARCIA, H. H. G. O.; MACEDO, L. Reuniões de pais na educação infantil: modos de gestão. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 142, p. 208-27, jan./apr. 2011. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742011000100011>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Pesquisa nacional por amostra de domicílios (PNAD) contínua: sobre 2017 educação*. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html?edicao=21073&t=sobre>>. Acesso em: 5 jul. 2018.

JOIGNEAUX, C. Littératie, forme et inégalités scolaires: le cas de la scolarisation de l'école maternelle. *Le Français Aujourd'hui*, Paris, n. 183, p. 41-50, 2013.

KRAMER, S. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 27, n. 96, p. 797-818, out. 2006. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302006000300009>

LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo, SP: Ática, 1997.

_____. A transmissão familiar da ordem desigual das coisas. *Sociologia*, Porto, v. 21, n. 1, p. 13-22, jan. 2011.

LAREAU, A. *Unequal childhoods: class, race, and family life*. Berkeley, CA: University of California, 2003.

LIMA, L. P.; SILVA, A. P. S. A relação entre a educação infantil e as famílias do campo. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 475-83, set./dez. 2015. <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/01938>

MARANHÃO, G. D.; SARTI, A. C. Cuidado compartilhado: negociações entre famílias e profissionais em uma creche. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 11, n. 22, p. 257-70, 2007. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000200006>

MARCOS, S. C. A relação família e instituições de educação infantil: implicações sobre o ensino de família para as crianças pequenas. *Colloquium Humanarum*, Presidente Prudente, v. 11, n. 2, p. 35-44, maio/ago. 2014. <https://doi.org/10.5747/ch.2014.v11.n2.h15>

_____. As novas configurações familiares: o relacionamento entre os educadores infantis e as famílias das crianças. *Colloquium Humanarum*, Presidente Prudente, v. 12, n. 1, p. 45-54, jan./mar. 2015. <https://doi.org/10.5747/ch.2015.v12.n1.h18>

MARTINS, G. D. F. et al. Fatores associados à não adaptação do bebê na creche: da gestação ao ingresso na instituição. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 30, n. 3, p. 241-50, jul./set. 2014. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000300001>

MARTURANO, E. M. O inventário de recursos do ambiente familiar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 498-506, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000300019>

MELHUIISH, E. C. et al. Effects of the home learning environment and preschool center experience upon literacy and numeracy development in early primary school. *Journal of Social Issues*, v. 64, n. 1, 95-114, mar. 2008. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2008.00550.x>

MONÇÃO, G. M. A. O compartilhamento da educação das crianças pequenas nas instituições de educação infantil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 45, n. 157, p. 652-79, jul./set. 2015. <https://doi.org/10.1590/198053143052>

MONTANDON, C.; LONGCHAMP, P. *L'expérience de l'autonomie chez l'enfant: une question récurrente dans la socialisation de l'enfant*. Genève: Université de Genève, 2003.

MORO, S. C.; GOMIDE, I. C. P. O conceito de infância na perspectiva de mães usuárias e não usuárias de creche. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, Ribeirão Preto, v. 13, n. 26, p. 171-80, dez. 2003. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2003000300006>

NÉIA, A. P.; CUNHA, M. M. A educação infantil e a família. *Revista Eventos Pedagógicos*, Sinop, v. 4, n. 1, p. 41-50, mar./jul. 2013.

NOGUEIRA, M. A. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. *Análise Social*, Lisboa, n. 176, p. 563-78, out. 2005.

_____. Classes médias e escola: novas perspectivas de análise. *Currículo sem Fronteiras*, v. 10, n. 1, p. 213-31, jan./jun. 2010.

OLIVEIRA, D. R. S. A relação entre cuidar e educar nos espaços de vida coletiva na creche. *Revista Eventos Pedagógicos*, Sinop, v. 6, n. 4, p. 77-87, nov./dez. 2015.

PINHEIRO, I. C. M. Mães e professoras de pré-escola: encontros e desencontros: representações sociais de uma relação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 20. 1997, Caxambu. *Anais...* Rio de Janeiro, RJ: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 1997.

PLAISANCE, E. Para uma sociologia da pequena infância. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 86, p. 221-41, abr. 2004. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000100011>

ROCHA, E. A. C. *A Pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia da educação infantil*. 1998. 187 fls. Tese (Doutorado) — Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 1998.

ROSEMBERG, F. Criança pequena e desigualdade social no Brasil. In: FREITAS, M.C. (Org.). *Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude*. São Paulo, SP: Cortez, 2006. p. 49-85.

ROSISTOLATO, R.; PRADO, A. P. *Trajetórias escolares em um sistema educacional público e estratificado*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 16. 2013, Salvador. *Anais...* Porto Alegre, RS: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2013.

ROWE, M. L.; RAUDENBUSH, S. W.; GOLDIN-MEADOW, S. The pace of vocabulary growth helps predict later vocabulary skill. *Child Development*, v. 83, n. 2, p. 508-25, mar. 2012. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2011.01710.x>

SAISI, N. B. Educação Infantil e família: uma parceria necessária. *Educação: Teoria e Prática*, Rio Claro, v. 20, n. 34, p. 65-85, jan./jun. 2010.

SILVA, O. I. A creche e as famílias: o estabelecimento da confiança das mães na instituição de educação infantil. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 53, p. 253-72, jul./set. 2014. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.36559>

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 112, p. 7-31, mar. 2001. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000100001>

TAGGART, B. et al. O poder da pré-escola: evidências de um estudo longitudinal na Inglaterra. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 142, p. 68-99, jan./abr. 2011. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742011000100005>

TANCREDI, R. M. S. P.; REALI, A. M. M. R. Visões de professores sobre as famílias de seus alunos: um estudo na área da educação infantil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24. 2001, Caxambu. *Anais...* Rio de Janeiro, RJ: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2001.

THIN, D. Para uma análise das relações entre famílias de classes populares e escola. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 211-25, maio/ago. 2006. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000200002>

ZAGO, N. Prolongamentos da escolarização nos meios populares e novas formas de desigualdades educacionais. In: PAIXÃO, L.; ZAGO, N. (Orgs). *Sociologia da educação: pesquisa e realidade brasileira*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 128-53.

Submissão em: 13/08/2020

Aceito em: 16/08/2020

Sobre as autoras

Blenda Luize Chor Rodrigues

Pedagoga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Cursa o programa de M.S/Ph.D. no departamento de *Human Development and Family Studies na University of North Carolina at Greensboro*.

E-mail: blendaluizze@gmail.com

Maria Comes Muanis

Pedagoga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre e doutora em Sociologia pelo IUPERJ, atual IESP.

E-mail: maria.muanis@gmail.com